

Fernão Capelo e a Filosofia
www.filosofia.fernaocapelo.com

Erostrato*

É preciso ver os homens do alto. Eu apagava a luz e me punha à janela. Eles não supunham, absolutamente, que alguém pudesse observá-los de cima. Eles cuidam da fachada, às vezes dos fundos, mas todos os efeitos são calculados para espectadores de um metro e setenta. Quem jamais refletiu sobre o formato de um chapéu-coco visto de um sexto andar? Eles não pensam em defender os ombros e os crânios com cores vivas e tecidos vistosos, não sabem combater este grande inimigo do Humano: a perspectiva de alto para baixo. Eu me debruçava e começava a rir; afinal, onde estava essa famosa “posição ereta” de que eram tão orgulhosos? Esmagavam-se contra a calçada e duas longas pernas meio rastejantes saíam-lhes de sob os ombros.

A sacada de um sexto andar — eis onde eu deveria passar toda a vida. É preciso escorar as superioridades morais com símbolos materiais, sem o que elas se desmoronam. Ora, precisamente, qual é minha superioridade sobre os homens? Uma

superioridade de posição, nada mais; estou colocado acima do humano que existe em mim e o contemplo. Eis por que gostava das torres da Notre-Dame, das plataformas da torre Eiffel, do Sacré-Coeur, do meu sexto andar da rua Delambre. São excelentes símbolos.

Às vezes era preciso descer de novo até a rua. Para ir ao escritório, por exemplo. Sentia-me sufocar. Quando se está na mesma altura dos homens é muito mais difícil considerá-los como formigas; eles esbarram. Uma vez, vi um tipo morto na rua. Caíra de borco. Tinham-no virado, sangrava. Vi seus olhos abertos e seu ar espantado e todo aquele sangue. Dizia de mim para comigo: “Isto não é nada, não é mais emocionante do que uma pintura fresca. Pintaram-lhe o nariz de vermelho, eis tudo.” Mas senti uma languidez estranha que me tomava as pernas e a nuca e desmaiei. Levaram-me a uma farmácia, deram-me sacudidelas nos ombros e álcool. Eu os teria matado.

Sabia que eles eram meus inimigos mas eles não o sabiam. Amavam-se entre si, ajudavam-se; e me teriam dado ajuda, ocasionalmente, porque acreditavam que eu era seu semelhante. Mas se pudessem adivinhar a mais ínfima parcela da verdade ter-me-iam batido. Fizeram-no mais tarde, aliás. Quando me prenderam e então souberam quem eu era, surraram-me, esmurraram-me durante duas horas, na polícia, deram-me bofetadas e socos, torceram-me os braços, arrancaram-me as calças e depois, para terminar, atiraram meus óculos ao chão e enquanto eu os procurava, de quatro, aplicaram-me, a rir, pontapés no traseiro. Sempre previ que acabariam por me bater; não sou forte e não posso defender-me. Alguns me vigiavam havia muito tempo — os grandes. Empurravam-me na rua, para rirem e verem o que eu faria. Eu não dizia nada. Fingia não ter compreendido. Não obstante, me pegaram. Sentia medo deles —

* SARTRE, Jean-Paul. In *O Muro*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982, p. 69-87, tradução de H. Alcântara Silveira.

era um pressentimento. Mas naturalmente é fácil imaginar que minhas razões para odiá-los eram mais sérias.

Desse ponto de vista tudo começou a ir melhor desde o dia em que comprei um revólver. A gente se sente forte quando carrega constantemente consigo uma dessas coisas que podem explodir e fazer barulho. Apanhava-o no domingo, punha-o muito simplesmente no bolso da calça e depois ia passear — geralmente nos bulevares. Eu o sentia repuxando minha calça como um caranguejo, sentia-o de encontro à minha coxa, muito frio. Pouco a pouco ele se aquecia em contato com o meu corpo. Eu andava com alguma rigidez, tinha o todo de um homem que está tendo uma ereção e que, a cada passo, precisa conter-se. Deslizava com a mão no bolso e apalpava o objeto. De vez em quando entrava num mictório — mesmo lá dentro eu estava vigilante, porque sempre há vizinhos — tirava meu revólver, sopesava-o, olhava a coronha quadriculada em preto e o gatilho negro que parece uma pálpebra semifechada. Os outros, ao verem, de fora, meus pés apartados e a barra de minhas calças, acreditavam que eu urinava. Mas nunca urino nos mictórios.

Uma tarde veio-me a idéia de atirar em homens. Era um sábado, eu saí para procurar Léa, uma loira que faz ponto em frente a um hotel da rua Montparnasse. Nunca tive relações íntimas com uma mulher; eu me sentiria roubado. Trepamos em cima delas, é claro, mas elas nos devoram o baixo ventre com uma grande boca peluda e, pelo que tenho ouvido dizer, são elas que ganham com a troca. Eu não peço nada a ninguém mas também nada quero dar. Ou então precisaria de uma mulher fria e piedosa que me suportasse com repugnância. No primeiro sábado de cada mês, eu subia com Léa para um quarto do Hotel Duquesne. Ela se despia e eu a olhava sem tocá-la. Às vezes, acontecia satisfazer-me nas calças, outras vezes tinha de voltar para casa. Aquela tarde

não a encontrei no seu posto. Esperei um momento e, como não a vi chegar, supus que estivesse gripada. Era começo de janeiro e fazia muito frio. Eu estava desolado. Sou um imaginativo e tinha imaginado vivamente o prazer que esperava tirar daquela tarde. Havia, na rua de Odessa, uma morena que eu notara muitas vezes, um pouco madura mas firme e carnuda; não detesto as mulheres maduras; quando elas estão nuas parecem mais nuas do que as outras. Mas ela não estava a par dos meus hábitos, e intimidava-me um pouco expô-los inconsideradamente. Depois eu desconfio das novas relações; essas mulheres podem muito bem esconder um vadio atrás duma porta e o tipo se introduz de repente e toma o dinheiro da gente. E ainda nos damos por felizes quando não levamos alguns socos. Entretanto, aquela tarde, eu me sentia cheio de ousadia, decidi passar por casa para apanhar meu revólver e tentar a aventura.

Quando abordei a mulher, um quarto de hora mais tarde, minha arma estava no bolso e eu não temia mais nada. Observando-a de perto notei-lhe um aspecto miserável. Parecia a minha vizinha da frente, a mulher do ajudante, e fiquei muito satisfeito, porque há muito tempo tinha desejos de vê-la nua. Ela vestia-se com a janela aberta, quando o ajudante partia, e eu permanecia muitas vezes atrás da cortina para surpreendê-la. Mas, ela se arrumava no fundo do quarto.

No Hotel Stella só havia um cômodo livre, no quarto andar. Subimos. A mulher era muito pesada e se detinha a cada degrau, para respirar. Eu estava muito à vontade; tenho o corpo magro, apesar da barriga, e seriam necessários mais de quatro andares para que perdesse o fôlego. No patamar do quarto andar ela parou e pôs a mão direita sobre o coração, respirando muito forte. Com a mão esquerda segurava a chave do quarto.

— É alto — disse, tentando me sorrir.

Tomei-lhe a chave, sem responder, e abri a porta. Eu tinha o revólver na mão esquerda, apontado para a frente, através do bolso, e não o larguei senão após haver virado o comutador. O quarto estava vazio. No lavatório havia um quadradinho de sabão verde. Eu sorri. Nem os bidês nem os pequenos quadriláteros de sabão me interessavam. A mulher respirava forte, sempre atrás de mim, e isso me excitava. Voltei-me; ela me ofereceu os lábios. Repeli-a.

— Dispa-se — disse-lhe.

Havia uma poltrona atapetada. Sentei-me confortavelmente. É nessa hora que lamento não fumar. A mulher tirou a roupa, depois estacou, deitando-me um olhar desconfiado.

— Como se chama? — perguntei, recostando-me.

— Renée.

— Bem, Renée, apresse-se, estou esperando.

— Você não se despe?

— Ora, ora, não se incomode comigo.

Ela fez cair a calça a seus pés, depois apanhou-a e colocou-a cuidadosamente sobre o vestido com o sutiã.

— Você é, então, um pequeno viciado, meu querido, um pequeno preguiçoso? — perguntou-me. — Quer que sua mulherzinha faça todo o trabalho?

Ao mesmo tempo ela deu um passo para o meu lado e, apoiando-se com as mãos ao encosto da minha poltrona, tentou, pesadamente, ajoelhar-se entre minhas pernas. Mas eu a pus de pé com brutalidade.

— Nada disso, nada disso.

Ela me olhou surpreendida.

— Mas que é que você quer que eu faça?

— Nada. Caminhe, ande, não lhe peço mais nada.

Ela se pôs a caminhar de lá para cá, com um ar ridículo.

Nada aborrece mais as mulheres do que caminhar quando estão nuas. Elas não têm o hábito de andar sem salto. A meretriz curvava o dorso e deixava pender os braços. Quanto a mim, sentia-me encantado; estava ali, tranqüilamente refestelado numa poltrona, vestido até o pescoço, tinha conservado até as luvas e essa senhora madura se pusera toda nua às minhas ordens e volteava ao meu redor.

Ela virou a cabeça para o meu lado e, para salvar as aparências, sorriu-me galantemente:

— Você me acha bonita? Está gostando do espetáculo?

— Não se incomode com isso.

— Olhe — perguntou-me com uma súbita indignação —, você tem intenção de me fazer andar muito tempo assim?

— Sente-se.

Ela sentou-se na cama e nós nos fitamos em silêncio. Ela estava toda arrepiada. Ouvia-se o tique-taque de um despertador, do outro lado da parede. De repente, eu lhe disse:

— Abra as pernas.

Ela hesitou um quarto de segundo, depois obedeceu. Olhei entre suas pernas e funguei. Em seguida, pus-me a rir tão forte que as lágrimas me vieram aos olhos. Disse-lhe apenas:

— Você está percebendo?

E recommencei a rir.

Ela me olhou com estupor, depois corou violentamente e tornou a unir as pernas.

— Porco — disse entre os dentes.

Mas eu ri ainda mais, então ela se levantou de um salto e pegou o sutiã de sobre a cadeira.

— Eh — atalhei —, isso não acabou. Eu lhe darei 50 francos agora mesmo, mas não quero ser roubado.

Ela pegou nervosamente as calças.

— Para mim, basta, você compreende. Não sei o que você quer. E se você me fez subir para zombar de mim...

Então eu tirei o revólver e lhe mostrei. Ela me olhou com um ar sério e deixou cair as calças sem dizer nada.

— Caminhe — disse-lhe —, ande.

Ela caminhou ainda cinco minutos. Depois dei-lhe minha bengala e obriguei-a a fazer exercício. Quando senti que minha cueca estava molhada, levantei-me e lhe estendi uma nota de 50 francos. Ela pegou-a.

— Até logo — acrescentei —, não a cansei muito, pelo preço.

Saí, deixando-a inteiramente nua no meio do quarto, com o sutiã numa das mãos e a cédula de 50 francos na outra. Não chorei o meu dinheiro; eu a perturbara e uma decaída não se perturba facilmente. Descendo a escada, pensei: “Eis o que eu queria, assustá-los todos.” Estava alegre como uma criança. Carregava comigo o sabonete verde e em casa esfreguei-o muito tempo debaixo da água quente até tornar-se uma delicada película entre meus dedos; parecia bala de hortelã muito chupada.

Mas à noite acordei sobressaltado e reví seu rosto, os olhos que ela fez quando lhe mostrei a arma, e seu ventre gordo que balançava a cada um de seus passos.

“Como fui estúpido”, disse com meus botões. E senti um amargo remorso; eu devia ter atirado, furado aquele ventre como uma escumadeira. Essa noite e as três seguintes sonhei com seis buraquinhos vermelhos agrupados em círculo, ao redor do umbigo.

Desde então, não saí mais sem meu revólver. Eu olhava as costas das pessoas e imaginava, conforme seu andar, a maneira como cairiam se eu lhes desse um tiro. Habituei-me a ir, aos domingos, colocar-me diante do Châtelet, à saída dos concertos

clássicos. Pelas 6h, ouvia a campainha e as porteiras vinham prender com ganchos as portas de vidro. Era o começo: a multidão saía lentamente; as pessoas caminhavam com um passo flutuante, os olhos ainda cheios de sonho, o coração repleto ainda de agradáveis sensações. Havia muitos que olhavam em torno com um ar admirado; a rua devia parecer-lhes inteiramente azul. Então, sorriam misteriosamente: passavam de um mundo a outro. É no outro que eu os esperava. Eu enfiara a mão direita no bolso e apertava com toda a força a coronha da arma. Ao fim de algum tempo eu me via prestes a atirar. Eu os derrubava como cachimbos de barro, eles caíam uns sobre os outros e os sobreviventes, tomados de pânico, refluíam para o teatro quebrando os vidros das portas. Era uma brincadeira muito enervante; minhas mãos tremiam, por fim eu me via obrigado a tomar um conhaque no Dreher para me refazer.

Não mataria as mulheres. Atirar-lhes-ia nos rins. Ou então na barriga da perna para fazê-las dançar.

Não tinha decidido nada ainda. Mas tomei o partido de fazer tudo como se minha decisão estivesse tomada. Comecei por calcular os pormenores acessórios. Fui exercitar-me num stand, na feira de Denfert-Rochereau. Os resultados não eram dos melhores mas os homens são alvos grandes, principalmente quando se atira à queima-roupa. Em seguida, ocupei-me da publicidade. Escolhi um dia em que todos os meus colegas estavam reunidos no escritório. Uma segunda-feira, de manhã. Eu era muito amável com eles, por princípio, embora tivesse horror de lhes apertar a mão. Eles tiravam as luvas para dizer bom-dia, tinham um modo obsceno de despir a mão, de abaixar a luva e fazê-la deslizar lentamente ao longo dos dedos, revelando a nudez gorda e amarrotada da palma. Eu conservava sempre minhas luvas.

Segunda-feira, pela manhã, não se faz grande coisa. A

datilógrafa do serviço comercial acabava de trazer os recibos. Lemercier gracejou com ela gentilmente e, quando ela saiu, eles desprezaram seus encantos com uma competência enfasiada. Depois falaram de Lindbergh. Gostavam muito de Lindbergh. Eu lhes disse:

— Quanto a mim, gosto dos heróis negros.

— Os pretos? — perguntou Massé.

— Não, negros, como se diz em Magia Negra. Lindbergh é um herói branco. Não me interessa.

— Vá ver se é fácil atravessar o Atlântico — disse asperamente Bouxin.

Expus-lhes minha concepção do herói negro.

— Um anarquista — resumiu Lemercier.

— Não — disse docemente —, os anarquistas gostam dos homens à sua maneira.

— Então, seria um biruta.

Mas Massé, que era letrado, interveio nesse momento:

— Eu conheço o seu tipo — disse-me. — Chama-se Erostrato. Ele queria tornar-se ilustre e não achou nada melhor do que incendiar o templo de Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo.

— E como se chamava o arquiteto desse templo?

— Não me lembro mais — confessou —, creio mesmo que não se sabe o nome dele.

— Então? E você se lembra do nome de Erostrato? Bem vê que o cálculo dele não foi tão errado!...

A conversação terminou com estas palavras, mas eu estava sossegado; eles se lembrariam dela no momento propício. Quanto a mim, que até então jamais ouvira falar de Erostrato, sua história me encorajou. Havia mais de 2 mil anos que ele estava morto e sua ação brilhava ainda, como um diamante negro.

Comecei a crer que meu destino seria curto e trágico. Isso me amedrontou a princípio, depois me habituei. Encarado sob certo ângulo, é atroz, mas, de outro lado, dá ao instante que passa uma força e uma beleza consideráveis. Quando descii à rua, sentia em meu corpo uma força estranha. Tinha junto a mim meu revólver, essa coisa que explode e faz barulho. Mas não era mais nele que punha minha segurança, era em mim, eu era um ser da espécie dos revólveres, dos petardos e das bombas. Eu também, um dia, no fim de minha vida obscura, explodiria e iluminaria o mundo com uma chama violenta e fugaz como um clarão de magnésio. Aconteceu-me, por essa ocasião, ter muitas noites o mesmo sonho. Era um anarquista, tinha-me colocado à passagem do czar e levava comigo uma máquina infernal. À hora ajustada, o cortejo passava, a bomba explodia e sob o olhar da multidão nós voávamos pelo ar, eu, o czar e três oficiais com galões de ouro.

Eu ficava, agora, semanas inteiras sem aparecer no escritório. Passeava pelos bulevares, no meio de minhas futuras vítimas, ou encerrava-me no meu quarto fazendo planos. Despediram-me no começo de outubro. Ocupava, então, minhas horas vagas redigindo a seguinte carta, que copiei em 102 exemplares.

“Senhor

Sois célebre e vossas obras alcançam tiragens de 30 mil exemplares. Vou dizer-vos por quê: é que amais os homens. Tendes o humanismo no sangue: eis a vossa sorte. Desabrochais quando estais em boa companhia; quando vedes um de vossos semelhantes, mesmo sem conhecê-lo, sentis simpatia por ele. Admirais o seu corpo, pela maneira

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

